

A IMPORTÂNCIA DA LIDERANÇA NA ECONOMIA DO CONHECIMENTO

A ciência é o conhecimento gerado sobre a base de que o muNa economia atual, o conhecimento é o elemento chave na criação de valor e riqueza na sociedade. Certamente, na nova economia, a dicotomia capital e trabalho estão conceitualmente superados e não constitui o problema central da geração da riqueza. De fato, tanto capital como trabalho são requeridos para a produção de bens, mas o conhecimento é a base ou essência da economia.

Portanto, a fonte da vantagem competitiva das nações é essencialmente intangível e se sustenta na capacidade de criar, compartilhar e aplicar conhecimento. Compreender este fenômeno é crucial para entender o modo de gerar desenvolvimento, não somente econômico, mas também social e político, na sociedade.

Esta compreensão designa um papel inegável à liderança em contraposição à corrente de pensamento que propõe a pertinência do processo de seleção natural das espécies para as organizações e as nações, o qual implica que o ambiente determinará quem sobreviverão, designando-se em tal perspectiva à liderança um mínimo impacto sobre o desenvolvimento corporativo e da sociedade. Dar um papel preponderante à liderança não impede reconhecer que uma das conquistas evolutivas mais relevantes das sociedades modernas consiste em que a confiança tem sido trasladada desde as pessoas às instituições, conseguindo-se uma confiança abstrata e impessoal que Giddens denomina ‘sistemas expertos’.

Este é um ponto central. A confiança nas instituições é importante, mas claramente insuficiente na nova economia. Na economia do conhecimento não bastam os sistemas expertos, ou não se trata simplesmente de garantir que a institucionalidade funcione satisfatoriamente, para conseguir os níveis requeridos de criação de valor econômico e social.

Note-se que na primeira década do século XXI, cerca dos 80% do produto interno bruto de algumas nações era gerado por atividades baseadas em conhecimento e o valor em livros de algumas organizações intensivas

do conhecimento era menor aos 10% de seu valor de mercado.

Consequentemente, a atual economia não se sustenta na produção de objetos ou coisas, senão na produção de ideias e intangíveis tais como: inovações, marcas, patentes, sistemas de organização, rotinas organizativas, *know how* e a capacidade de empregar o conhecimento para gerar valor funcional e, sobre todo, valor estratégico. Dito de outro modo, na nova economia é a gestão do conhecimento a tarefa que permite a geração da vantagem competitiva sustentável. Dita tarefa se realiza através da tomada de decisões estratégicas em nível de organizações e, do desenho de políticas públicas em nível de países.

Um mesmo nível de conhecimento em uma organização ou em um país não conduzirá a decisões idênticas necessariamente. Não cabe dúvida que em um contexto em que o conhecimento se duplica a ritmo vertiginoso, as eleições estratégicas e o desempenho estão predeterminados em forma parcial pelas características de quem participam da administração.

Naturalmente, as pessoas são quem adoptam as eleições estratégicas que criarão ou não valor na sociedade atual. Maior quantidade e qualidade de conhecimento em nenhum caso implica superar o que Simon tem denominado ‘racionalidade limitada’.

Contudo, em um contexto de racionalidade limitada, a base cognitiva e os valores limitam o campo da visão, influenciando desta forma sobre a percepção seletiva, a interpretação e, por conseguinte, nas percepções da administração e seleção da estratégia. Por isto, o estilo de liderança com que se realiza o processo de decisões estratégicas será um determinante estrutural do grau de criação de valor a conquistar finalmente nas organizações e também nas nações.

A liderança é, na nova economia, uma dimensão da maior relevância para o sucesso ou fracasso estratégico.

LILIANA PEDRAJA-REJAS
Universidade de Tarapacá, Chile